



V CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIBERJORNALISMO
V INTERNATIONAL CONFERENCE ON ONLINE JOURNALISM

24-25 Novembro 2016

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Livro de Atas – Maio 2017

Proceedings – May 2017

Ana Isabel Reis, Fernando Zamith, Helder Bastos, Pedro Jerónimo, (org.)

Observatório do Ciberjornalismo (ObCiber)

Livro de Atas **V CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIBERJORNALISMO**
Maio 2017

Proceedings **V INTERNATIONAL CONFERENCE ON ONLINE JOURNALISM**
May 2017

Ana Isabel Reis, Fernando Zamith, Helder Bastos, Pedro Jerónimo (org.)
Observatório do Ciberjornalismo (ObCiber)

Porto

ISBN: 978-989-98199-2-4

Índice

Os ciberjornalistas portugueses em 2016: Uma aproximação a práticas e papéis

Helder Bastos

Complexidade e Ciberjornalismo: as práticas jornalísticas na era da informação



Bruno César Brito Viana¹⁰⁷

Universidade do Porto

brvuno.viana@gmail.com

Paulo Frias

Universidade do Porto

pfcosta@letras.up.pt

Resumo

Com o advento das sociedades em rede, as transformações sociais, económicas e políticas se intensificaram, principalmente pelas inovações tecnológicas que passaram a permear todas as esferas sociais. O jornalismo não fica de fora deste fenómeno. A atual era da informação é baseada na tecnologia, pois funciona numa lógica de redes, numa lógica dinâmica e ao mesmo tempo complexa. O presente artigo tem a intenção de refletir sobre como o jornalismo, produzido para as plataformas digitais, se encontra em meio à complexidade da sociedade informacional. A partir das abordagens trazidas pelos paradigmas da Complexidade e do Informacionalismo, procura-se descobrir, por meio da revisão de literatura do tema, quais as novas práticas jornalísticas online estão sendo utilizadas. A metodologia é a de pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Ciberjornalismo; Complexidade; Informacionalismo; Jornalismo; Sociedade em rede.

Abstract

With the advent of network societies, the social, economic and political changes have been intensified, mainly by technological innovations, which now permeate all spheres of society. Journalism is not left out of this phenomenon. The current age of information is as technology-based, works in a logical network, a dynamic logic and complex at the same time. This article intends to reflect on how journalism produced for digital platforms, is in the midst of the complexity of the information society. From the approaches introduced by the paradigms of complexity and Informationalism, here it is looking to discover through the theme of the literature review, which new journalistic practices in the field of online journalism, are being used. The methodology used was the bibliographical research.

Keywords: Cyberjournalism; Complexity; Informationalism; Journalism; Network society.

¹⁰⁷ Bolsista da agência CAPES – Brasil.

Introdução

Com o advento das sociedades informacionais, a globalização da comunicação atinge níveis de transmissão de dados nunca antes verificados, impulsionada principalmente pelo desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação (TICs). O aperfeiçoamento dos computadores e o surgimento da internet no final do século XX foram marcos para esse processo. As transformações advindas acontecem em todos os campos, como a economia, a cultura e a política. Configura-se, assim, o que Manuel Castells (1999) conceitua por sociedade em rede, ou, sociedade informacional, baseada no paradigma do Informacionalismo. Tal conceito será melhor discutido adiante.

O jornalismo não fica de fora deste fenómeno de transformações sociais, já que contribui para a globalização, na medida em que aproxima as pessoas e os lugares através de suas representações e produções noticiosas. Entretanto, também tem de lidar com a complexidade inerente a esta nova sociedade, já que muitos de seus preceitos e práticas precisaram se adequar face às novas tecnologias. Profundamente inspirada em uma concepção cartesiana de transmissão da informação, o jornalismo sofre com a incapacidade de produzir relatos que abarquem a complexidade das questões que envolvem um determinado facto. A atual era da informação é complexa por natureza, pois baseada na tecnologia, funciona numa lógica de redes, numa lógica dinâmica.

Nesse sentido, o presente artigo tem a intenção de refletir sobre como o jornalismo, produzido para as plataformas digitais, se encontra em meio à complexidade da sociedade informacional. É importante observar, por meio de revisão de literatura, se este jornalismo enfatiza casualidades lineares ou as expande a limites ainda não explorados. É um jornalismo que busca reunir o simples e complexo, ou reitera a imparcialidade do repórter? Não há a intenção de se apresentar soluções ou definições para qual deva ser o caminho do jornalismo, mas sim, refletir, a partir da literatura corrente, qual o estado das práticas jornalísticas nesta atual conjuntura da sociedade da informação. Dentre os vários conceitos utilizados para se referir ao jornalismo praticado nas plataformas digitais, optou-se neste artigo pelo conceito de ciberjornalismo. É neste contexto que se pretende refletir sobre o ambiente deste novo tipo de jornalismo e quais as suas principais características. A metodologia utilizada foi a de pesquisa bibliográfica, com revisão de literatura do tema em fontes de informação convencionais e eletrônicas.

No intuito de organizar as reflexões propostas, este presente artigo está dividido em partes. Primeiro se tratará do paradigma da Complexidade e o

jornalismo, no contexto da sociedade da informação e do paradigma do Informacionalismo. Posteriormente, será discutido alguns conceitos correntes utilizados na literatura das ciências da comunicação para classificar o jornalismo praticado nas plataformas digitais e o porquê da delimitação do termo ciberjornalismo. Por fim, serão traçadas considerações sobre as novas práticas jornalísticas exercidas por meio do ciberjornalismo e como isto está a reconfigurar o papel do jornalista e sua relação com o público-leitor, bem como deste com a notícia. Ao fim, as considerações finais e as referências bibliográficas.

Sociedade da Informação: Jornalismo e Complexidade

Na transição para o século XXI dentre os muitos acontecimentos históricos relevantes, vivenciou-se a emergência global de uma nova estrutura social: a sociedade da informação, também chamada de pós-industrial, ou sociedade em rede, segundo conceitua Castells (1999). Seguindo o pensamento do autor, tal configuração resulta da combinação de dois factores que passam a atuar simultaneamente sobre as sociedades nas últimas décadas do século XX: a revolução das tecnologias da informação e comunicação, a partir dos anos 70, e a reestruturação do capitalismo, a partir dos anos 80. Ambos os fenómenos são de âmbito mundial e atingiram, com diferentes intensidades, todos os países, apesar de suas características singulares. Neste contexto, observou-se o surgimento de um novo paradigma, no qual a sociedade globalizada está inserida: o paradigma do informacionalismo. Para Castells, este paradigma é o:

Princípio organizador da sociedade em rede possibilitado pelas TICs ou princípio de estruturação de um mundo completamente diferente daquele que herdamos a partir das revoluções industriais e francesas". [...] **Informacionalismo- paradigma tecnológico** que constitui a base material do início das sociedades do século XXI, absorve o industrialismo que por sua vez é associado à revolução industrial. (apud Santos, 2013, grifos do autor)

Este novo paradigma surgiu a partir da revolução da tecnologia da informação como base material de uma nova sociedade. Castells (2000) destaca que neste paradigma, a geração de riqueza, o exercício do poder e a criação de códigos culturais passaram a depender da capacidade tecnológica das sociedades e dos indivíduos, sendo a tecnologia da informação o elemento principal dessa capacidade. O conceito de rede, tão debatido pelo autor, é apresentado, neste contexto, como um "conjunto de nós interconectados" e mais: "[...] são sistemas de televisão, estúdios de entretenimento, meios de computação gráfica, equipes para cobertura jornalística e equipamentos móveis gerando, transmitindo e

recebendo sinais na rede global da nova mídia no âmago da expressão cultural e da opinião pública, na era da informação” (Castells, 2000: 498).

A tecnologia da informação tornou-se ferramenta indispensável para o delineamento dos processos de reestruturação socioeconômica. Essa lógica preponderante de redes transforma todos os domínios da vida social e econômica. A globalização, no sentido de ampliação de fronteiras, forneceu as bases necessárias para que a sociedade da informação se constituísse, na medida em que favoreceu ruturas sociais e ampliou o alcance da informação à nível global. É imprescindível perceber que na conjuntura do paradigma do informacionalismo, a informação passa a ser o elemento principal. As tecnologias são para agir sobre a informação e não apenas informação para agir sobre a tecnologia. Na sociedade industrial, a tecnologia era o foco central e agora, na pós-industrial, a informação passa ser o elemento mais importante, processo esse que se iniciou já a partir do final do século XIX. A tecnologia passa a ser percebida como um meio. É importante destacar, que se trabalha o termo informação neste artigo, a partir do conceito de Silva (2002), como um “conjunto estruturado de representações mentais e emocionais codificadas (...) e modeladas com/pela interação social, passíveis de serem registadas num qualquer suporte material e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e multi-direccionada” (apud Ramos, 2014).

Tal mudança de valoração da informação, se comparamos as fases industrial e pós-industrial, mostra que a ciência e as teorias vigentes evoluem motivados por novas descobertas, anseios e necessidades, trazendo novas conjunturas, assim, novos paradigmas. De acordo com Kuhn (1989), um paradigma apresenta os fundamentos sobre os quais a comunidade científica desenvolve suas atividades. Nesse sentido, um paradigma representa algo como um guia a ser usado pelos cientistas na exploração dos fenómenos investigados. Um ponto importante destacado por Kuhn é que enquanto o guia paradigmático estiver se mostrando eficaz e não surgirem anomalias no ajuste empírico da teoria, ele se mantém válido. Porém, quando os problemas se multiplicam, é a hora de se considerar a troca de todo o paradigma. Fato que se se comprovou com a chegada do paradigma do Informacionalismo, na fase pós-industrial, a fim de se atender à própria complexidade da nova sociedade da informação. O próprio paradigma da Complexidade, exaustivamente discutido por Edgar Morin, traz como uma das premissas básicas que a complexidade se opõe à simplificação, propondo, assim uma nova forma de pensar, em alternativa aos três pilares, já abalados, da ciência clássica: a razão, a separabilidade e a ordem.

Acredita-se que é possível realizar um diálogo entre o paradigma da complexidade e do informacionalismo, na medida em que se reconhece que este

último funciona numa lógica de redes, numa lógica dinâmica e ao mesmo tempo complexa. Assim, acredita-se que o discurso de Castells se aproxima do pensamento de Morin, com o paradigma da complexidade. Para Morin (2000), o universo, e também a sociedade, não é apenas a soma das unidades isoladas, e sim uma “complexa teia de relações em constante interação”. Dessa forma, para se compreender a complexidade, é necessário um estado de espírito onde se encare a sociedade a viver um momento do incerto, na qual a certeza não é absoluta, onde não há uma lei única ou ordem absoluta. Nesse sentido, não é possível a aplicação de um modelo linear para se entender a forma como a sociedade atual se organiza.

Em meio a toda complexidade da sociedade da informação, o jornalismo continua a operar o papel de mediação social, por meio da representação de uma realidade expressa em suas produções jornalísticas. Entretanto, se faz necessário observar que o jornalismo está baseado em padrões cartesianos da ciência clássica. Mesmo já no atual paradigma do informacionalismo, ainda é possível observar nos veículos jornalísticos dos grandes media, e presentes nas plataformas digitais, uma retificação de padrões reducionistas de abordagem do cotidiano. De acordo com Mozzini (2011), a atividade jornalística, em meio à supervalorização da razão, não poderia estar imune aos efeitos provocados pela visão fragmentalista da ciência. Para a autora, o jornalismo sofre com a incapacidade de produzir notícias que apresentem a complexidade das questões que envolvem determinado fato.

Isto se deve à conhecida credibilidade jornalística, tão comum nos manuais de redação do Modelo Ocidental de jornalismo. Tal credibilidade ainda recorre aos padrões positivistas de verdade e objetividade para conquistar a atenção e o respeito do público. Desde a escolha dos trajés e da aparência dos apresentadores de programas jornalísticos à veiculação de notícias que, nos diversos meios de comunicação, passam a impressão de contemplar a totalidade do presente, cada detalhe parece ser calculado para que o público acredite intelectualmente, e em sentimento, no que está sendo noticiado. É importante destacar que o objetivo do método positivista é a investigação das leis gerais que regem os fenómenos naturais e sociais, no intuito de tornar o homem capaz de prevêê-los e atuar sobre a realidade.

Foi ainda no século XX, no contexto das duas grandes guerras mundiais, que os estudos científicos da comunicação foram impulsionados. Havia necessidade de se estudar os efeitos e influência da propaganda. Neste sentido, sob a influência do paradigma da precisão, surge nos Estados Unidos, na década de 30, o modelo de comunicação de Lasswell, complementando o modelo aristotélico – comunicador, mensagem e receptor. O modelo de Lasswell foi amplamente utilizado nas análises políticas sobre influência social. Já o modelo de Shanonn e Weaver, de 1947, criado

para explicar a comunicação entre máquinas, teve seu uso adaptado à comunicação humana. Também coerente com a proposta aristotélica, foi bastante criticado por seus autores serem engenheiros.

Assim, percebe-se que a tentativa de enquadrar a comunicação em uma esfera técnica e científica foi e continua sendo recorrente. Como exemplo disso, pode-se citar a proposta da 'Ciência Jornalística', de Otto Groth (apud Medina, 1988), a qual demanda que a informação jornalística está regida por leis que dizem respeito às relações funcionais existentes entre periodicidade, universalidade, atualidade e difusão, consideradas como características intrínsecas a jornais, revistas e folhetos. Faz-se importante colocar o conceito, pelo qual entende-se o termo comunicação neste artigo. Baseia-se no conceito apontado por Ramos (2014). Para ele, a comunicação (perspectiva da comunicação humana) é um "processo intersubjectivo de troca de informação entre agentes que partilham um conjunto de signos e de regras semióticas (sintáticas, pragmáticas e semânticas) tendo por objectivo a construção de sentido" (Ramos, 2014, grifos do autor).

Encarando a produção diária da notícia a partir de critérios científicos, o jornalismo assume a roupagem da objetividade e qualifica sua produção a partir de princípios como factualidade, atualidade, veracidade, interesse por parte do público e clareza (Medina, 1988). Para se alcançar a dita 'verdade', a partir da credibilidade do método científico, a imparcialidade é assumida como essencial à prática do jornalismo, que deixa de se basear em opiniões e sensações, que podem conduzir ao erro, bem como são também contaminadas por crenças e ideias acumuladas ao longo do tempo. Barros (2007) destaca algumas das particularidades que o jornalismo apresenta:

[...] apropriando-se de princípios da racionalidade moderna, também o Jornalismo (enquanto teoria e prática) desenvolveu um discurso desencantado, incompatível com as falas normais da vida. Também o Jornalismo reduziu o rigor ao rigor matemático (basta observar a importância dos números nas reportagens) e promoveu a especialização. Neste último caso, é notória a aquisição de linguagens especializadas pelo jornalista e a multiplicação de cadernos de jornais direcionados a públicos segmentados (Barros, 2007:03)

Na análise da produção jornalística, não se pode deixar de considerar a rotina. Nas redações, o tempo e a demanda por produção parecem pressionar os profissionais envolvidos, tornando como prioridade a cobertura desconexa e supostamente objetiva de determinadas versões dos fatos. Ao analisar o funcionamento de uma redação jornalística, a socióloga norte-americana Gaye

Tuchman (1999) aponta que procedimentos como a apresentação de diversas versões da mesma realidade; a posse de provas suplementares para fundamentar um fato; a utilização de aspas para indicar que não é o repórter que está afirmando uma versão dos acontecimentos; o modelo da pirâmide invertida (onde o mais importante vem primeiro); e a separação entre opinião e fato, através de espaços exclusivos para as manifestações opinativas, não significa que os jornalistas alcançaram a dita objetividade. Dessa forma, Tuchman acredita que estes procedimentos reproduzem erroneamente a noção de que “os fatos falam por si”, pois há de se considerar que todo o trabalho jornalístico é limitado pela política editorial de uma determinada organização.

Para Medina (1990), o fazer jornalístico, ao amparar-se em técnicas, que vão além do factual, opera um empobrecimento simbólico, na medida em que continua a reiterar o padrão positivista da informação. Na mesma perspectiva, Barros (2007) acredita que retirar a sensibilidade do jornalista é algo sem sentido tendo em vista que “o bom repórter não é exatamente aquele com melhor faro? E o que é o faro jornalístico senão uma aguda capacidade intuitiva?” (Barros, 2007, p.03). Dessa forma, a autora assinala que o jornalista deve investigar a realidade com todo o seu corpo e todos os seus sentidos, não restringindo esta experiência à visão e à audição como usualmente acontece. Este novo posicionamento diante do cotidiano permite que tanto a racionalidade argumentativa, quanto a emoção e o afeto façam parte do processo de trabalho jornalístico, pois “ao contrário do que se possa imaginar, incorporar a emoção e a sensibilidade ao fazer jornalístico não significa sair por aí impondo verdades. Ser sensível é saber ouvir; compreender, mais do que explicar” (Barros, 2007: 03).

A ideia de Barros corrobora com a proposta de Morin, no paradigma da Complexidade. Ao permitir ao jornalista quebrar a rígida ordem positivista e aderir à emoção, assumindo assim a subjetividade inerente ao ser, a produção jornalística torna-se mais complexa, mais próxima do atual contexto da sociedade da informação. Porém, a emoção já está presente nas produções jornalísticas, sob a roupagem de práticas sensacionalistas. É interessante notar o quanto de não-razão o jornalismo utiliza com o apelo cada vez maior às emoções, sensacionalismos, tragédias e bizarro. O interesse humano pelo grotesco e o método cartesiano jornalístico não são tão excludentes ou contraditórios quanto se imagina, ainda que o sensacionalismo - enquanto forma e conteúdo - nos media constitua um longo parêntese cheio de variáveis. A respeito desta discussão, Mozzini acrescenta: “A pergunta a ser feita é: quem tem coragem de assumir a parcialidade em meio a uma sociedade que se esconde do caos e do subjetivo, onde a educação continua a

seguir o modelo francês do século XVI e, desta forma, praticamente não se renova, perpetuando o modelo do aluno 'sentado, quieto e decorador?" (Mozzini, 2011:13).

Contudo, por mais que a objetividade jornalística tenha sua validade, muitas vezes é insuficiente frente à demanda social por comunicação, contextualização e humanização. Assim, o pensamento complexo é um ingrediente que, se acrescentado, pode dar à receita um gosto menos técnico e mais aprofundado, na medida em que se serve também da sensibilidade e da subjetividade do repórter. O jornalismo deve cumprir seu papel de mediador social, mas com o cuidado de que este trabalho possa construir teias e redes de sentido frente à crescente fragmentação do conhecimento, da vida e do próprio homem. Capra (2004) apresenta uma solução: unir a prática do fazer jornalístico às ideias do paradigma da complexidade de Morin. Na medida em que isto acontece, se dá uma reforma do pensamento, algo necessário para que se possa compreender a realidade na qual as sociedades atuais vivem. Capra ainda afirma:

Uma vez que tenhamos conseguido reformar os veículos de comunicação de massa, poderemos então decidir o que precisa ser comunicado e como usar eficazmente esses veículos para construir nosso futuro. Isso significa que também os jornalistas deverão mudar, e seu modo de pensar, fragmentário, deverá tornar-se holístico, desenvolvendo uma nova ética profissional baseada na consciência social e ecológica. Em vez de se concentrar em apresentações sensacionalistas de acontecimentos aberrantes, violentos e destrutivos, repórteres e editores terão que analisar os padrões sociais e culturais complexos que formam o contexto desses acontecimentos, assim como noticiar atividades pacíficas, construtivas e integrativas que ocorrem em nossa cultura (Capra, 2004: 400)

Contudo, se os meios de comunicação se propõem a comunicar é necessário que seja realizado um esforço para além do informativo. Nesse processo, não vestir a máscara da tão propagada objetividade jornalística é o início de um processo de não-hierarquização entre sujeito (o jornalista) e objeto (os acontecimentos e fontes em pauta). Seguindo nesta direção, não há uma verdade a ser extraída dos fatos ou do entrevistado, mas sim um ponto de vista que busca retratar o cotidiano por meio de uma relação em que as subjetividades de entrevistador, entrevistado e público possam convergir na formação de uma interação social criadora, na qual as partes constituintes desta relação saem modificadas pelo vivido (Medina, 2002). Nesse sentido, a teoria da complexidade é também uma balizadora da discussão sobre a fragmentação jornalística. Tendo em vista que o pensamento complexo é, segundo Morin (2003), um desafio antes de uma resposta, ele comporta a imperfeição e a incerteza na medida em que tem necessariamente como princípios a distinção, a conjunção e a implicação. Entretanto, complexidade não deve ser confundida com completude, na medida em que "a consciência da complexidade

faz-nos compreender que não poderemos nunca escapar à incerteza e que não poderemos nunca ter um saber total” (Morin, 2003: 100). Na busca por um pensamento o menos mutilador possível, o autor propõe a complexidade não como sinónimo de complicação, mas sim como a união de processos de simplificação com outros como o da comunicação.

Com o intuito de reformular suas produções e práticas, o que não quer dizer mais fácil ou de menor responsabilidade, é necessário que o jornalismo se atrele de forma participativa ao senso comum, entendendo este como o menor denominador comum daquilo que um grupo ou povo acredita coletivamente, o que o destina a uma vocação solidarista e transclassista (Santos, 1995). Para tal, o fazer jornalístico deve ouvir o senso comum não somente em situações que apresentem depoimentos previsíveis e perpetuados, mas penetrando tanto na simplicidade quanto na complexidade deste, a fim de costurar sentidos ainda não visitados, revisar conceitos estigmatizados e reforçar questões que são remanescentes. Ainda para Morin (2000), o homem precisa ser encarado de forma abrangente, considerando-se os seus aspectos bio-psíquico-social.

Entretanto, novas práticas jornalísticas, possibilitadas pelas plataformas digitais, como o ciberjornalismo, já apresentam mudanças significativas na forma de produção de uma notícia, bem como na relação jornalismo-leitor. Tais mudanças foram propiciadas não só pelas novas tecnologias da informação e comunicação, mas também pela mudança de postura do público, que no contexto da sociedade da informação, passa a lidar de uma forma diferente com a informação. A seguir, se discutirá, brevemente, sobre as novas terminologias utilizadas para classificar o jornalismo nas plataformas digitais, bem como, as novas práticas e o que isso vem a acrescentar na reformulação necessária para o jornalismo, a partir do contexto do paradigma da Complexidade.

Ciberjornalismo, por um conceito

A massificação do acesso à internet nas últimas décadas do século XX permitiu o surgimento de novas práticas de produção jornalística. Novas práticas não só na forma, conteúdo, como também na relação com o público. As novas tecnologias permitiram o surgimento de um jornalismo voltado para as plataformas digitais. Porém, foi possível perceber durante a revisão de literatura do tema, que há uma certa profusão de termos para conceituar esse novo momento do jornalismo.

Antes de tratar dos termos sobre o jornalismo para as plataformas digitais, é importante esclarecer o que se percebe por digital. O surgimento do computador e

posteriormente da internet permitiram a transmissão de informação de forma instantânea, permitindo assim uma comunicação em rede nunca antes tão ágil. Assiste-se à passagem do analógico para o digital. Joaquim Vieira (2007:166) explica que “toda a forma de representação da realidade que tende a recorrer a processos baseados em escalas de continuidade designa-se como analógica”. Por sua vez, o meio digital “assenta numa base de descontinuidade, de saltos de uns valores para outros”.

O digital também apresenta algumas outras características que o tornam singular, em comparação com o meio analógico. Shum (2009: 132-133) apresenta algumas delas: a conversão, a predominância do carácter simbólico, a independência em relação ao meio de transporte, a maior durabilidade do suporte, a maior volatilidade da informação, a reprodutibilidade sem perda de qualidade, a ausência de aura e maior facilidade de manipulação. Tais características predominantes do meio digital provocaram uma mudança de paradigma comunicativo, agora dominado pelas novas tecnologias, pelas novas formas de divulgar informação de carácter jornalístico, passando da massificação para a individualização. McQuail (2003: 30), se referindo à internet, considera que esta deva ser entendida como um meio por si própria, na medida em que é uma tecnologia baseada no computador, que tem um carácter flexível, híbrido e não especializado e que promove ainda um potencial interativo. E é este carácter interativo da internet que propiciou algumas das novas práticas observadas no jornalismo em plataformas digitais. Esta linha de pensamento remete aos estudos de Marshall McLuhan, quando trabalhou a influência dos meios de comunicação na sociedade. Para ele, os meios os meios de comunicação são tão ou mais importantes do que os conteúdos que eles veiculam”, ou seja, “o meio é a mensagem” (apud Sousa, 2006: 226).

Mesmo já com mais de duas décadas de existência, o jornalismo produzido para a internet ainda levanta algumas questões relativamente à denominação mais correta a ser utilizada no que diz respeito à sua designação. Jornalismo eletrónico, jornalismo na internet, jornalismo em rede, jornalismo multimédia, jornalismo digital, jornalismo *online*, ciberjornalismo e webjornalismo são algumas das expressões encontradas nos estudos sobre o tema. De acordo com Murad (1999), “de certa forma, o conceito de jornalismo encontra-se relacionado com o suporte técnico e com o meio que permite a difusão das notícias”. Já para Santos (2013), a designação de jornalismo eletrónico começou por ser utilizada em Portugal por Hélder Bastos, mas acabou por deixar de se utilizar, uma vez que a expressão poderia ser identicamente aplicada à rádio ou à televisão e, assim, não estabelecer quaisquer diferenças entre os meios de se “fazer jornalismo”. Para tanto, é

importante esclarecer o que se entende por ciberjornalismo, termo definido para guiar as reflexões propostas neste artigo, bem como, sua diferenciação de alguns outros termos recorrentes na literatura do tema.

É importante observar, a partir das ideias de McLuhan, que cada meio de comunicação social introduziu rotinas, práticas e linguagens. O jornalismo escrito, radiofónico e o televisivo utilizam linguagens adaptadas às características do respectivo meio. Canavilhas (2001) aponta que com o aparecimento da internet verificou-se uma rápida migração dos *mass media* existentes para o novo meio sem que, no entanto, se tenha verificado qualquer alteração na linguagem. Essa mera transposição do jornalismo impresso, radiofónico e televisivo para a internet, é o que o autor classifica por jornalismo *online*. Segundo Zamith (2011), essas primeiras presenças do jornalismo na internet também são chamadas de *shovelware*, que é a mesma coisa que jornalismo *online* para Canavilhas. Díaz Noci e Salaverría afirmam que “o texto digital deve ser produzido originariamente para o meio eletrónico e não deve em nenhum caso constituir uma mera transposição do meio impresso para o digital” (Díaz Noci e Salaverría, 2003: 22).

Canavilhas (2001) acrescenta que ao alargar esta sistematização a todos os meios de comunicação, pode-se restringir o processo a duas fases fundamentais: jornalismo *online* e webjornalismo/ciberjornalismo, sendo esses dois últimos termos representativos do mesmo processo. O jornalismo digital pode ser muito mais do que o atual jornalismo *online*. Com base na convergência entre texto, som e imagem em movimento, o webjornalismo/ciberjornalismo pode explorar todas as potencialidades que a internet oferece, oferecendo um produto completamente novo: a webnotícia (Canavilhas, 2001). Nesse formato, a webnotícia passa a ser produzida com recurso a uma linguagem constituída por palavras, sons, vídeos, infografias e hiperligações, tudo combinado para que o utilizador possa escolher o seu próprio percurso de leitura. Zamith (2008) acredita que o termo ciberjornalismo está mais próximo do que Canavilhas discute. Para Zamith, os ciberjornais recorrem muito mais à hipertextualidade (utilização de hiperligações nos artigos), aos recursos multimédia (imagem, som e vídeo) e à interatividade. Além dos fatores mencionados, a publicação *online* não está limitada a qualquer periodicidade e a instantaneidade tem um papel fundamental na proliferação das notícias.

Para Salaverría (2005), o ciberjornalismo é a “especialidade do jornalismo que emprega o ciberespaço para investigar, produzir e, sobretudo, difundir conteúdos jornalísticos” (Salaverría, 2005a: 21). Zamith (2011) afirma que, após algumas hesitações iniciais, hoje é assumido consensualmente que as características distintivas da internet justificam a existência de um novo tipo de jornalismo. No

mesmo raciocínio, Manuel López (2004, p.176) acrescenta: “falar de produção jornalística na internet é falar de ciberjornalismo”. O autor recorre à raiz etimológica do termo ciberjornalismo, afirmando:

A cibernética é a ciência que estuda a comunicação e o controlo nos animais e nas máquinas. Todo o processo se baseia na retroalimentação e retroação (feedback), o que permite superar erros ou carências” (Ibid.). Também se fala de jornalismo eletrónico, jornalismo multimédia, jornalismo digital, na rede ou on-line. Quiçá o melhor seria falar de produção jornalística continuada (PJC) (Ibid., p.177)

Neste ponto, pode-se relacionar a ideia acima mencionada com o paradigma da complexidade de Edgar Morin, que também trabalha com a ideia de retroação nas sociedades. Um dos pontos discutidos por Morin, na ideia da retroação, afirma que toda explicitação, ao invés de ser reducionista/simplificadora, deve passar por um jogo retroativo/recursivo que se torna, assim, gerador de saber. Ainda para Manuel López (2004), “o ciberjornalismo significa continuidade, face à periodicidade da imprensa, rádio e TV. Também significa integralidade, transtemporalidade, interatividade, versatilidade e multiplicidade”. Esta característica do ciberjornalismo também aproxima a prática jornalística do paradigma da complexidade, quando torna a notícia mais contextualizada.

E é nesta acepção que se trabalha neste artigo a produção jornalística voltada para as plataformas digitais. A seguir, uma breve discussão sobre algumas das principais características desta nova prática jornalística. Dentre elas, destaca-se a interatividade, como um importante diferencial na relação jornalismo-público.

Novas práticas no Ciberjornalismo

Conforme visto anteriormente, o ciberjornalismo já iniciou a sua trajetória a partir de práticas peculiares. O grande desafio feito ao ciberjornalismo é a procura de uma linguagem mais próxima que imponha às produções uma notícia mais adaptada às exigências de um público cada vez mais participativo. Para tanto, dispõe de diversos recursos. Segundo Canavilhas (2001), as possibilidades múltimedia, hipertextual, Interativo e de Personalização e memória são as principais características do ciberjornalismo. Segundo Pavlik (2001), a internet se destaca por ser um meio com novas e também capacidades de outros media. “A Internet não só abarca todas as capacidades dos velhos media (texto, imagens, gráficos, animação, áudio, vídeo, distribuição em tempo real) como oferece um largo espectro de novas capacidades, incluindo a interatividade, acesso *on-demand*, controlo por parte do utilizador e personalização” (Pavlik, 2001: 03).

Sobre as principais características do ciberjornalismo, o carácter multimédia, se configura pela possibilidade de integrar infografias, vídeos e sons. Assim, o ciberjornalismo implica conhecimentos também técnicos nos campos do tratamento de imagem, animação vectorial, edição de vídeo/som e html. Agora, o jornalista não está limitado só ao campo do conteúdo, mas precisa, sobretudo, também de uma linguagem técnica capaz de lhe permitir desenhar a notícia final. Aparentemente, a integração de elementos multimédia na notícia obriga a uma leitura não-linear. A respeito do carácter Hipertextual e Interativo destacado por Canavilhas (2001), este promove uma nova forma de redação da notícia. Neste sentido, a técnica positivista da pirâmide invertida, base do jornalismo impresso, dá lugar à uma estrutura mais aberta. A notícia é construída em blocos de informações organizados em diferentes modelos, sejam lineares ou complexos.

O elemento base da notícia é um primeiro nível, no qual os utilizadores iniciam o seu percurso de leitura, este deve ser um parágrafo ou uma infografia, que responda de forma simplificada ao Quem, Onde, O quê, e Quando. A partir deste elemento, que deverá incluir links, a notícia evolui de forma livre para o Como e o Porquê, com o utilizador a escolher o seu percurso de leitura. No fundo, a produção da notícia deverá ter como base um guião muito semelhante ao de um jogo, prevendo todas as possibilidades de leitura. "A possibilidade de uma leitura multilinear, transformando os dados espaciais e temporais da produção e da exploração da informação, (...) [permite] saltar de um documento a outro e fazer tanto a leitura linear clássica como um percurso individual" (Murad, 1999).

A antiga relação leitor-jornal, antes por cartas e definidas por longa espera para uma possível publicação foi trocada por uma interação imediata. Essa interação seria aquilo que Bordewijk e Van Kaam (1986 apud Salaverría, 2005, p.34-35) designam como "interatividade conversacional", em oposição à "interatividade de transmissão" (unidirecional; permite apenas ativar ou cancelar uma "emissão"). Percebe-se, na prática, que as notícias *online* têm virado uma espécie de fórum, onde leitores e jornalistas debatem sobre o tema no espaço destinado aos comentários. "A interação com os leitores torna-se parte integrante da notícia, à medida que esta evolui", afirmam Kovach e Rosenstiel (2004: 24), sublinhando que, ao fazerem correções ou darem outras contribuições, seja por e-mails enviados às redações ou aos próprios jornalistas, "os leitores esperam ver assinalados os novos factos por eles revelados" (Ibid., p.23). Seeley Brown (apud Zamith, 2011) sugere que o novo jornalista já não decide o que o público deve saber. Ajuda-o, antes, a ordenar as informações: "Numa era em que qualquer pessoa pode ser repórter ou comentador na Web, passamos a dispor de um

jornalismo bidirecional". Zamith (2011) ainda acredita que o jornalista se transforma em 'líder de um fórum' ou em mediador, deixando de ser simplesmente um professor ou conferencista. Os leitores transformam-se não em consumidores, mas em 'prosumidores', uma forma híbrida de produtor e consumidor. Bardoel e Deuze consideram que a notícia *online* possui a capacidade de fazer com que o leitor/utilizador se sinta parte do processo" (apud Palacios *et al.*, 2002: 04). Canavilhas acrescenta:

A notícia deve ser encarada como o princípio de algo e não um fim em si própria. Deve funcionar apenas como o 'tiro de partida' para uma discussão com os leitores. Para além da introdução de diferentes pontos de vista enriquecer a notícia, um maior número de comentários corresponde a um maior número de visitas [...] (Canavilhas, 2001: 03)

Outras duas características ligadas ao jornalismo na web são a personalização e memória, que serão o resultado da integração do sistema de edição numa base de dados. No ciberjornalismo, há a necessidade de classificar as notícias, enquanto unidades de significação jornalística (Canavilhas, 2001). A personalização é conseguida através do registo do utilizador numa determinada publicação ou através da instalação de *cookies* no *browser* do leitor. Neste caso, trata-se de um processo meramente informático, no qual o jornalista não tem intervenção. Já a memória é uma questão fundamental, considerando que na web, o espaço que a notícia ocupa não é um bem escasso.

A possibilidade de ligar uma nova notícia aos seus antecedentes permite o enriquecimento do jornalismo, graças à contextualização dos fenómenos. Assim, a notícia e o seu texto tornam-se complexos, na medida em que são cada vez mais contextualizados. Canavilhas (2001) considera que esta nova forma, de se fazer um jornalismo mais informado, contraria a tendência atual de um jornalismo de estados de alma e, assim, poderá contribuir de forma decisiva para a recuperação do prestígio que a atividade tem vindo a perder. Não se pode deixar de se considerar outra importante característica do ciberjornalismo, que é não ter uma periodicidade definida. Agora, a atualização é constante e os destaques e as notícias estão em constante construção. Se os acontecimentos não têm periodicidade, as notícias também não. "Por estar online, o webjornal está acessível à escala global, a utilizadores de diferentes fusos horários e, portanto, não se justifica acorrentar a cadência noticiosa ao ciclo biológico das pessoas que o utilizam" (Canavilhas, 2001: 07).

Considerações Finais

A partir das reflexões realizadas ao longo do artigo pode-se perceber que na sociedade pós-industrial, ou sociedade informacional, a informação passa ser o elemento e produto mais importante e a tecnologia um meio. A informação apresenta-se, assim, como indispensável à evolução humana e social. Compreende-se que nessas sociedades a autonomia das escolhas de decisão está diretamente ligada com a capacidade individual ou coletiva de interação com os media. A respeito do jornalismo, considera-se que a produção diária da notícia ainda é feita com base em critérios científicos. Isto se dá devido à "objetividade jornalística". Percebe-se, cada vez mais, que o modelo cartesiano da objetividade é discutível na medida em que se mostra insuficiente frente à complexidade do mundo e das relações humanas, frente à necessidade de passar a uma cosmovisão.

Desta forma, a partir do pensamento complexo, os pilares fundantes da atividade jornalística tais como a imparcialidade, a objetividade e a busca pela verdade podem ser questionados, não com o intuito de que sejam substituídos pelo paradigma da complexidade, tendo em vista que esta não se propõe a suprimir o que já existe, mas sim deixar claro a insuficiência do modelo noticiarista que predomina nos media, o qual tem maior visibilidade perante o público. Assim, conclui-se que o pensamento complexo é um ingrediente que, se acrescentado, pode dar à notícia um caráter menos técnico e mais aprofundado, na medida em que se serve também da sensibilidade e da subjetividade do repórter. Acredita-se que os jornalistas também poderão mudar o seu modo de pensar fragmentário, tornando-o holístico e, assim, desenvolvendo uma nova ética profissional baseada na consciência social e ecológica. Como postula Edgar Morin, é preciso uma reforma do pensamento. Este novo posicionamento diante do cotidiano permite que tanto a racionalidade argumentativa quanto a emoção e o afeto façam parte do trabalho jornalístico.

A respeito das novas práticas jornalísticas, refletiu-se que as tecnologias da comunicação e informação, nas plataformas digitais, permitiram o surgimento de um novo meio de produzir e difundir a informação: o webjornalismo/ciberjornalismo. Convém destacar que este não é o mesmo que jornalismo *online* ou *shovelware*, os quais correspondem a uma mera transposição de práticas e produções de outros meios (impresso, radiofônico e televisivo) para as plataformas digitais. Conclui-se também que os critérios da objetividade jornalística não desapareceram por completo no ciberjornalismo, até porque a estrutura da pirâmide invertida (mesmo que reformulada) e outros critérios objetivos ainda são utilizados. Contudo, o ciberjornalismo inova com suas potencialidades e novas práticas, entre elas, na relação com o público.

Com base na convergência entre texto, som e imagem em movimento, o ciberjornalismo pode explorar todas as potencialidades que a internet oferece. As produções noticiosas passam a ser produzidas com recurso a uma linguagem constituída por palavras, sons, vídeos, infografias e hiperligações, tudo combinado para que o utilizador possa escolher o seu próprio percurso de leitura, que passa a ser multilinear. O carácter multimédia, hipertextual, interativo e de personalização e memória permitem ao ciberjornalismo produções mais contextualizadas e próximas da complexidade própria da atual sociedade da informação. Conclui-se também que além dos fatores mencionados, a publicação *online* não está limitada a qualquer periodicidade e a instantaneidade e tem um papel fundamental na proliferação das notícias.

Sobre a questão da Interatividade, há de se considerar a possibilidade de interação direta com o jornalista, seja para comentar ou acrescentar informações ao relato jornalístico. Isto é um diferencial para o ciberjornalismo. Percebe-se, na prática, que as notícias *online* têm virado uma espécie de fórum, onde leitores e jornalistas debatem sobre o tema, bem como se auxiliam com novas informações para a notícia publicada. Conclui-se, ainda, que o novo jornalista já não decide o que o público deve saber. Ajuda-o, antes, a ordenar as informações.

Referências Bibliográficas

Barros, Ana Taís Martins Portanova. (2007). Jornalismo, narrador do entre-saberes da contemporaneidade. In: Nós transdisciplinamos: diálogos nas Ciências da Comunicação [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Armazém Digital. p. 9-13.

Capra, F. (2004). O ponto de mutação. A ciência, a sociedade e a cultura emergente. 25ed. São Paulo: Cultrix.

Canavilhas, João. (2001). Webjornalismo. Considerações gerais sobre jornalismo na web. BOCC. Disponível em <http://www.labcom.ubi.pt/sub/investigador/af1bdcf390cdebbc3f9f3ae31c050102#sthash.UM8JZIAJ.dpuf> Acesso em 07 jan. 2015

Castells, Manuel. (1999). A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, vol. 3, São Paulo: Paz e terra, p. 411-439.

_____. (2000). A sociedade em rede. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra.

Díaz Noci, J., & Salaverría, R. (2003) (coord.) Manual de Redacción Ciberperiodística, Barcelona: Ariel Comunicación.

Kovach, B. & Rosenstiel, T. (2004) (ed. original 2001) Os Elementos do Jornalismo – O que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir, Porto: Porto Editora.

Kuhn, Thomas S. (1989). A Estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva.

López, M. (2004, n. ed.) Cómo se fabrican las noticias –Fuentes, selección y planificación, Barcelona: Ediciones Paidós bérica.

McQuail, D. (2003). Teoria da Comunicação de Massas. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Medina, C. A. (1990). Jornalismo e a epistemologia da Complexidade. In: Comunicação e Política. Rio de Janeiro. V.09. n. 11. p.85-93.

_____. (1988). Notícia: um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial.2. ed. São Paulo: Summus.

_____. (2002). Entrevista: o diálogo possível. 4.ed. São Paulo: Ática.

Morin Edgar; Le Moigne, Jean-Louis. (2000). A Inteligência da Complexidade. São Paulo: Petrópolis.

_____. (2003), et al. "Educar na era planetária". São Paulo: Cortez.

Mozzini, Camila. (2011). Jornalismo, Fragmentação e Complexidade: uma revisão teórica. Porto Alegre: [edição do autor]. Monografia. Comunicação Social – Jornalismo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Murad, Angéle. [1999] Oportunidades e desafios para o jornalismo na internet in Ciberlegenda, no 2.

Palacios, M. et al. (2002) 'Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro e português', Comunicarte, Revista de Comunicação e

Arte, vol.1, n.2, Aveiro: Universidade de Aveiro, http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_mapeamentojol.pdf (05-11-2008).

Pavlik, J. V. (2001) Journalism and New Media, New York: Columbia University Press.

Ramos, F. (2014) "Paradigmas em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais". [PPT slides].

Salaverría, R. (2005) Redacción Periodística en Internet, Barcelona: Eunsa.

Santos, Boaventura de Sousa. (1995). Introdução a uma ciência pós-moderna. 4 ed. Porto: Afrontamento.

Santos, Daniel Castro. (2013). A produção jornalística própria no ciberjornalismo: Estudo de casos dos jornais Diário de Notícias, Jornal de Notícias e Público. Porto: [Edição de Autor]. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Silva, A. M, Ribeiro, F. (2002). "Das" ciências" documentais à ciência da informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular".2002.

Shum, Lawrence. (2009). O meio digital e a produção midiática. Cibertextualidades, no3, pp. 131 – 140. [Em linha]. Disponível em http://ufpbdigital.ufp.pt/dspace/bitstream/10284/1348/3/cibertxt_3_p131-140_shum.pdf. [Consultado em 27/06/2012].

Sousa, J. P. (2006). Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media. Porto, Edições Fernando Pessoa.

Tuchman, Gaye. (1999) A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: Traquina, Nelson (Org.). Jornalismo: questões, teorias e "estórias" /. 2.ed. Lisboa: Vega.

Vieira, Joaquim. (2007). Jornalismo contemporâneo: os media entre a era de Gutenberg e o paradigma digital. Lisboa. Edeline.

Zamith, Fernando. (2011) A contextualização no ciberjornalismo. Porto: [Edição de Autor]. Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

_____. (2008) Ciberjornalismo: As potencialidades da Internet nos sites noticiosos portugueses, Porto: Edições Afrontamento.